

O USO DO TEMPO PELAS CRIANÇAS FORA DA ESCOLA: Um Reflexo da Desigualdade de Gênero na Infância

Letícia Carvalho Leão¹
Neyfsom Carlos Fernandes Matias²

RESUMO

A maneira como as crianças usam o tempo fora da escola revela como o gênero tem implicações nas relações humanas e na forma como elas percebem os contextos que frequentam. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi identificar se há diferenças na percepção do ambiente familiar, na satisfação com a vida e no envolvimento em atividades extracurriculares entre meninas e meninos. A metodologia utilizada foi um estudo de campo com abordagem quantitativa e com delineamento exploratório-descritivo. Os participantes foram 90 estudantes, 47 meninas e 43 meninos, com idade média de 8,53 anos (DP = 0,50). Na coleta de dados foram utilizados uma escala de envolvimento em atividades extracurriculares, uma escala multidimensional de satisfação de vida para crianças e uma escala de percepção do clima familiar. Os resultados indicaram a existência de diferenças relacionadas ao gênero no que se refere à percepção do ambiente familiar, na satisfação com a vida e no envolvimento em atividades extracurriculares. As meninas envolvem-se mais com atividades extracurriculares estruturadas e com as tarefas acadêmicas/responsáveis. Além disso, elas percebem a escola de maneira melhor e se veem fazendo menos atividades interessantes. Os meninos percebem o clima familiar mais positivo do que elas.

Palavras-chave: atividades extracurriculares; infância; gênero; clima familiar.

THE USE OF TIME BY CHILDREN OUTSIDE SCHOOL: A REFLECTION OF GENDER INEQUALITY IN CHILDHOOD

ABSTRACT

The manner in which children spend their time outside of school reveals the impact of gender on human relationships and their perceptions of the environments they attend. Thus, the objective of this study was to identify whether there are differences in the perception of the family environment, in satisfaction with life and in involvement in extracurricular activities between girls and boys. The methodology used was a field study with a quantitative approach and an exploratory-descriptive design. The participants were 90 students, from a public school, of which 47 were female and 43 male, with an average age of 8.53 years (SD = 0.50). In the data collection, a scale of participation in extracurricular activities for children, a multidimensional life Satisfaction scale for Children, and a family climate scale for children were used. The results indicated the existence of differences related to gender regarding the perception of the family environment, satisfaction with life and involvement in extracurricular activities. Girls are more involved with structured extracurricular activities and academic/responsible assignments. In addition, they perceive school better and find themselves doing fewer interesting activities. Boys perceive the family climate to be more positive than girls.

Keywords: extracurricular activities; childhood; gender; family climate.

Submetido em: 23/12/2022

Aceito em: 30/6/2023

Publicado em: 20/2/2024

¹ Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei/MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-5434-6088>

² Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei/MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9064-2282>

INTRODUÇÃO

Estudos acerca do que as crianças fazem nas atividades extracurriculares e de como elas usam o seu tempo fora da escola no Brasil ainda não têm se destacado nos periódicos nacionais (Brandão; Lordelo, 2017; Matias, 2020a). Como resultado da inserção forçada pela cultura no trabalho doméstico não remunerado, como auxiliar na preparação de alimentos e cuidar dos irmãos, há indícios de que as meninas se “dedicam” mais a esses tipos de tarefas quando não estão nas instituições de ensino. É possível que uma das origens da divisão desigual desse tipo de trabalho (Picanço; Araújo; Covre-Sussai, 2021) seja essa inserção prematura permeada de valores morais atravessada pelos processos pautados nas diferenças percebidas entre os sexos que compõem as relações sociais (Scott, 1995). Nesse sentido, pesquisas que verifiquem as interferências das atividades realizadas fora da escola no desenvolvimento infantil são importantes. Investigações sobre essa questão podem apontar se há diferenças entre meninos e meninas nos tipos de atividades realizadas no horário alternado ao da escola e como isso pode afetar a percepção deles, por exemplo, em aspectos como as relações familiares (Matias; Teodoro, 2018) e a satisfação de vida (Oliveira *et al.*, 2019).

A comparação entre esses grupos, no que se refere à maneira como eles usam o tempo fora da escola, pode indicar interferências nos índices educacionais, na inserção no trabalho infantil e na realização do trabalho doméstico não remunerado. Os dados sobre a influência do nível socioeconômico, por exemplo, no envolvimento em atividades extracurriculares indicam que as famílias mais abastadas inserem seus filhos em aulas de línguas estrangeiras, de esportes e de música; já as menos favorecidas precisam recorrer aos projetos sociais oferecidos por Organizações Não Governamentais (ONGs) ou matriculá-los em escolas de tempo integral (Matias, 2019; Carvalho; Senkevics, 2017).

Como consequência, tanto para as que ficam em casa, como para as que podem participar de aulas especializadas ou de ações públicas, é provável que as crianças percebam o clima familiar e a satisfação com a vida de maneiras distintas em relação ao que fazem nos momentos em que não estão na escola. Essas atividades têm implicações importantes no desenvolvimento socioemocional, cognitivo e físico do público infanto-juvenil. A partir disso, este estudo teve o objetivo de identificar se há diferenças na percepção do ambiente familiar, na satisfação com a vida e no envolvimento em atividades extracurriculares entre meninos e meninas.

O artigo está dividido em cinco seções, incluindo esta introdução. As atividades extracurriculares e como elas podem influenciar os papéis de gênero associadas às atividades domésticas não remuneradas é o tema abordado a seguir. A metodologia utilizada para a realização do estudo, bem como os procedimentos adotados são descritos na terceira seção. Em seguida os resultados e a discussão sobre eles, a partir da literatura que trata do tema, são apresentados. Por fim, na última seção, tem-se as considerações finais destacando os principais achados do estudo ora em tela, suas limitações e indicações de pesquisas futuras.

AS ATIVIDADES EXTRACURRICULARES E OS PAPÉIS DE GÊNERO

“Minha mãe me botou de pé sobre a cadeira. Depois, aproximou a cadeira do fogão em que a panela fumegava e disse: ‘Agora você vai aprender como se faz um arrozinho’” (Antenore, 2018, p. 38). Essa descrição da atriz Ana Flavia Cavalcanti diz do que lhe aconteceu aos quatro anos de idade, revelando como algumas meninas começam a se envolver com os trabalhos domésticos não remunerados e como a aprendizagem de tarefas relacionadas a ele se constituem como um valor no Brasil (Picanço; Araújo; Covre-Sussai, 2021). Esse envolvimento não acontece pela vontade delas, mas sim pela determinação dos adultos que defendem a ideia de que as garotas devem, já na infância, realizar as *tarefas do lar*. Como se a condição de ser mulher já predeterminasse a obrigação de saber cozinhar obedecendo a regras socialmente impostas pautadas no símbolo de que a função de cuidar cabe somente às mulheres (Connell; Pearse, 2015; Visentini, 2019).

O exemplo do que aconteceu com Ana Flavia demonstra como o gênero opera nas relações humanas como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (Scott, 1995, p. 86). Não por acaso, esse aspecto interfere não só na definição das responsabilidades pelo trabalho doméstico, como também na forma como as crianças utilizam o tempo fora da escola e no envolvimento com as atividades extracurriculares (Carvalho; Senkevics, 2014; Matias, 2019; 2020b). Assim, o gênero perpassa pelas relações sociais por meio dos símbolos culturais, das normas conceituais, pelas concepções políticas das instituições e organizações sociais, estabelecendo-se como um campo em que o poder é articulado (Scott, 1995).

Dessa maneira, ele define as relações sociais (Pedro, 2005) demonstrando como os papéis femininos e masculinos são formados por meio de processos que influenciam os pensamentos comuns que circulam nas atitudes dos pais que encaixam seus filhos a determinadas práticas. A descrição de Ana Flavia exemplifica como o gênero é desenvolvido, constituindo-se em maneiras de lidar com o corpo e de se adequar às normas sociais que indicam o significado de ser homem ou ser mulher: nesse caso, ser mulher implica saber cozinhar. Os processos que perpassam pelas relações apoiam-se na diferença sexual e impõem às pessoas como elas devem se posicionar. Na infância, ações nesse sentido aparecem na definição dos responsáveis pelas crianças de que uma garota possui mais deveres relacionados à casa do que seu irmão e deve se responsabilizar pelo cuidado dos mais novos e pela preparação da comida quando a mãe não está em casa. A consequência dessas vivências é a “naturalização” das obrigações femininas que culmina na inserção das mulheres em uma tripla jornada. Nessa empreitada, elas assumem o trabalho doméstico não remunerado, as suas atividades profissionais e educacionais (Garcia; Marcondes, 2022; Connell; Pearse, 2015; Picanço; Araújo; Covre-Sussai, 2021). Assim, no decorrer da infância ocorrem processos influenciados por aspectos sociais e culturais, presentes nas interações sociais em contextos importantes para a formação das crianças, como a família, as instituições de ensino e as atividades extracurriculares que atuam no desenvolvimento da identidade de gênero.

A educação das crianças é fundamentada por questões relacionadas ao macrossistema por meio das regras sociais, dos valores, das crenças, da cultura, do

conjunto de leis e das formas de governo de um país (Bronfenbrenner; Morris, 2006; Bronfenbrenner, 2002) que perpassam pelas relações de gênero (Reis; Eggert, 2017; Storto; Zanardi, 2019). É comum ouvir adultos elogiando o capricho de uma menina em determinada atividade, bem como justificando atitudes agressivas de meninos, ao afirmar que se trata de algo natural para eles. As práticas admiradas em uma menina, por exemplo, o cuidado com o material escolar, dificilmente são percebidas da mesma maneira quando desempenhadas por um menino (Gadbois; Bowker, 2007; Visentini, 2019). Dessa forma, as crianças desenvolvem seus atributos pessoais visando a se encaixar nos modelos previstos por instituições que compõem os seus microsistemas, que se referem aos espaços em que ocorrem interações sociais entre elas e delas com os adultos, como a família, a escola e outros espaços educativos (Bronfenbrenner; Morris, 2006; Oliveira; Jaeger, 2022; Vianna; Finco, 2009).

No decorrer da infância, há imposição às meninas de responsabilidades vinculadas ao cuidado do lar, enquanto os meninos são criados de modo mais livre. Esses aspectos também são percebidos nas brincadeiras adotadas pelas crianças: as garotas tendem para brincadeiras com mais regras e que requerem organização; já os garotos preferem atividades mais dinâmicas e turbulentas, em que é necessário um espaço maior (Bartholomaeus; Senkevics, 2015; Cordazzo; Vieira; Almeida, 2012). Por sua vez, o jeito com que as crianças se relacionam é também reflexo de como os responsáveis determinam o tempo livre delas a partir da definição das obrigações a serem cumpridas em casa e dos objetos que elas recebem. Enquanto às meninas são oferecidos brinquedos que remetem ao ambiente doméstico e à maternidade, como bonecas, fogão e panelinhas, aos meninos são disponibilizados brinquedos como bolas, carrinhos, lego e arminhas, que não se relacionam ao cuidado com o ambiente familiar (Mariano; Altmann, 2016; Senkevics; Carvalho, 2015; Visentini, 2019).

Como as práticas parentais conduzem para os papéis de gênero, a discrepância na divisão das tarefas domésticas é um reflexo da forma como as famílias educam as crianças (Carvalho, 2015). Nesse sentido, o gênero, assim como a raça e a classe social, interferem na percepção e atitudes de adultos e crianças (Picanço; Araújo; Covre-Sussai, 2021). Isso pode ser percebido a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do ano de 2019, em que as mulheres acima de 14 anos realizavam mais tarefas em casa. O estudo aponta que 92,2% do serviço doméstico era feito por elas; em contrapartida, os homens representavam um percentual mais baixo, 78,2%. Ademais, essa divisão apareceu na participação dos filhos, em que a taxa de realização de afazeres domésticos das meninas correspondeu a 84,4%, enquanto a dos meninos era de 65,0% (IBGE, 2019). Ao presenciar esse desequilíbrio, portanto, no qual mães e filhas exercem a maioria das tarefas domésticas, as crianças entendem que essas atividades devem ser desempenhadas pelo gênero feminino (Bartholomaeus; Senkevics, 2015; Senkevics; Carvalho, 2015) e desenvolvem a concepção de que as mulheres são responsáveis não só pela realização, mas também pela organização do trabalho de cuidados em casa. Ou seja, o trabalho doméstico não remunerado é compreendido como uma “responsabilidade delas” e de mais ninguém (Garcia; Marcondes, 2022).

As meninas estão cientes da diferença na realização das tarefas domésticas, principalmente ao perceberem que podem ser penalizadas caso não cumpram com suas

obrigações, e sabem que isso dificilmente ocorrerá com seus irmãos (Bruschini; Ricoldi, 2009). Elas justificam essa parcialidade afirmando que essas características seriam mais adequadas a elas, como algo natural. Assim, tanto os adultos quanto as meninas concebem a personalidade masculina como “preguiçosa” ou “sem jeito”, apoiando a ausência dos meninos nessas atividades (Carvalho, 2015). Não por acaso, “homens e mulheres brasileiras dividem as tarefas domésticas baseadas em seu gênero” (Picanço; Araújo, Covre-Sussai, 2021, p. 15), porque essa divisão, apoiada na diferença entre os sexos (Scott, 1995) é definida no decorrer do desenvolvimento infantil. Essa desarmonia na divisão de tarefas pode refletir-se na percepção das meninas sobre o ambiente familiar, em que elas podem concebê-lo como menos saudável e mais hostil em comparação com os meninos. Há ainda a possibilidade da relação entre esses aspectos com o fato de elas demonstrarem estados de humor mais negativos, como raiva e culpa (Guerreiro; Vieira, 2013; Matias, 2020b; Silva; Dell’Aglia, 2018).

Essa sobrecarga com as atividades do lar tem como consequência um menor acesso a atividades lúdicas para elas. Isso pode ser observado, por exemplo, nas brincadeiras de rua, de que os meninos participam cerca de duas vezes mais que elas (Silva *et al.*, 2012). Como se não bastasse, as garotas param de brincar antes deles, em razão de atribuições relativas aos cuidados da casa e dos irmãos. Além disso, os garotos têm mais acesso a atividades de lazer no geral, tomando parte em situações cotidianas, como passeios e festas (Carvalho; Senkevics, 2017). Dessa maneira, eles identificam o lazer como um meio para obter a felicidade em mais ocasiões do que as meninas. Logo, constata-se que o distanciamento de atividades prazerosas, comuns durante a infância, faz com que elas se percebam menos satisfeitas em comparação aos seus pares (Giacomoni; Souza; Hutz, 2016).

Devido à restrição aos meios de lazer, como brincadeiras livres e passeios, imposta pelas responsabilidades pelo lar, as meninas têm de recorrer a outras maneiras de ter acesso a essas possibilidades, bem como de manter e desenvolver laços afetivos. A alternativa para elas é eleger espaços, como a escola, e atividades extracurriculares, como aquelas oferecidas por projetos sociais, aulas de dança, música, artes, entre outras (Carvalho; Senkevics, 2017). Nota-se que elas valorizam o ambiente escolar e comparecem mais às práticas oferecidas pelas escolas, considerando esse espaço um local recreativo, enquanto os meninos frequentam apenas aquelas atividades de caráter esportivo. Assim, observa-se uma desproporção no valor que é dado pelas meninas às atividades extracurriculares, uma vez que estas acabam se configurando como seu ambiente de lazer (Carvalho; Senkevics; Loges, 2014).

A partir da literatura que investigou as diferenças na realização das tarefas desenvolvidas dentro de casa no Brasil, nota-se que as meninas se envolvem mais com as atividades domésticas, tanto na infância (Bartholomaeus; Senkevics, 2015; Carvalho, 2015; Carvalho; Senkevics, 2017; IBGE, 2019; Matias, 2019; 2020b; Senkevics; Carvalho, 2015) como na adolescência e juventude (Cardoso; Hermeto, 2021). É possível entender esse fato como um reflexo do que acontece no mundo adulto, que mesmo com a maior inserção dos homens nos afazeres domésticos, são as mulheres que mais realizam o trabalho doméstico não remunerado na população entre 25 e 49 anos (Picanço; Araújo; Covre-Sussai, 2021). Não se sabe ao certo, no entanto, as implicações desse

envolvimento e se o que acontece no mundo adulto já se observa na infância, como o maior envolvimento dos homens em atividade de lazer, por exemplo, jogar e brincar, em detrimento de outras, como auxiliar em cuidados pessoais e educacionais os familiares (Garcia; Marcondes, 2022).

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo com abordagem quantitativa e com delineamento exploratório-descritivo (Gil, 2002). A escolha por esses desenhos teve como justificativa a possibilidade de apurar o envolvimento das crianças em atividades fora da escola e a relação entre essas ações com a satisfação de vida e a percepção das interações familiares. As pesquisas exploratórias e descritivas permitem a articulação de diferentes instrumentos de pesquisa com foco na compreensão de fenômenos pouco explorados.

Os participantes do estudo foram 90 estudantes matriculados no 3º ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública do interior de Minas Gerais. A amostra, caracterizada como de conveniência, foi composta por 47 meninas (52,2%) e 43 meninos (47,8%). O grupo foi constituído por crianças com idades entre oito e nove anos e divididos em dois: Meninas e Meninos. A idade média dos participantes era de 8,53 (DP = 0,50).

Instrumentos de coleta de dados

Para alcançar os objetivos do presente estudo foram utilizadas três ferramentas de autorrelato, publicadas em periódicos científicos com a apresentação de índices de confiabilidade e validade adequadas (Pasquali, 2011) destinadas ao público infanto-juvenil. A primeira foi a Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças (EMSVC) (Oliveira *et al.*, 2019). Essa escala do tipo *Likert* de cinco pontos (1. Nem um pouco, 2. Um pouco, 3. Mais ou menos, 4. Bastante; 5. Muitíssimo) verifica a satisfação de vida das crianças. Apresenta 32 itens, agrupados em cinco fatores: *Self*, composto por oito itens que avaliam características positivas, como bom humor e autoestima (ex.: Eu sou alegre); *Self Comparado*, com quatro itens, demonstra as mesmas características do *Self*, porém no modo como a criança se compara às outras (ex.: Eu me divirto com meus amigos); *Família*, com nove itens que demonstram um ambiente familiar saudável (ex.: Minha família me ajuda quando preciso); *Amizade*, com sete itens que relatam uma boa interação entre a criança e seus pares (ex.: Meus amigos gostam de mim); e *Escola*, com quatro itens que avaliam a satisfação quanto ao ambiente escolar (ex.: Eu aprendo muitas coisas na escola).

Foi utilizada uma escala de envolvimento em atividades extracurriculares destinada a crianças (Matias, 2019) com o intuito de apurar a participação delas em ações fora da escola. Trata-se de um instrumento que usa uma escala do tipo *Likert* de três pontos (1. Nunca, 2. Às vezes, 3. Sempre) que se compõe de 23 itens, agrupados em três fatores: *Atividades Extracurriculares Desestruturadas*, composto por 10 itens de atividades livres, como o brincar (ex.: Jogo videogame); *Atividades Extracurriculares Estruturadas*, composto por seis itens de atividades planejadas, como aulas de dança, esportes de luta (ex.: Tenho aula de dança); *Atividades Acadêmicas Responsáveis*, com

sete itens que demonstram se a criança desempenha algum afazer doméstico e se envolve com tarefas escolares em casa (ex.: Faço a tarefa; Ajudo a lavar a louça).

Por fim, a última ferramenta foi uma escala que avalia o clima familiar a partir da percepção das crianças (Matias; Teodoro, 2018) que é um instrumento do tipo *Likert* de cinco pontos (1. Não concordo de jeito nenhum, 2. Concordo um pouco, 3. Concordo mais ou menos, 4. Concordo muito, 5. Concordo plenamente). Essa versão conta com 18 itens, distribuídos em dois fatores: o primeiro avalia os aspectos do clima familiar positivo, como ações de suporte entre os membros da família (ex.: As pessoas tentam ajudar umas às outras quando as coisas não vão bem), enquanto o segundo mede aspectos negativos, como a presença de conflitos (ex.: As pessoas resolvem os problemas brigando).

Os dados obtidos a partir desses instrumentos foram analisados de acordo com as orientações dos seus autores (Matias, 2019; Matias; Teodoro, 2018; Oliveira *et al.*, 2019). Após a coleta das informações foram elaborados bancos de dados no *software Microsoft Office Excel*. De início, foram apurados frequência, mediana, média e desvios padrão de cada construto dos instrumentos. Na comparação entre os grupos, devido ao caráter ordinal dos dados, foi usado o teste não paramétrico U de *Mann-Whitney*. A opção por esse tipo de tratamento de dados deu-se considerando que o procedimento é o indicado para a análise de escores obtidos em escalas do tipo *Likert* e não usa como base as medidas das médias, mas sim das medianas. Essas análises foram realizadas no programa *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, e o nível de significância adotado foi o de $p < 0,050$.

Procedimentos e considerações éticas

Os trabalhos de campo foram iniciados após a aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da universidade dos autores (CAAE: 78107317.4.0000.5151). Primeiramente, foi realizada um encontro com a diretora da escola participante para apresentação da pesquisa. Após a anuência da direção, o estudo foi apresentado aos pais dos estudantes em uma reunião. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi entregue no mesmo dia, e os responsáveis que autorizaram a participação dos estudantes o assinaram. A coleta de dados aconteceu na própria escola e foi realizada pelo coordenador do estudo junto com estudantes de uma universidade pública. A aplicação dos instrumentos foi em grupo, na sala de aula dos estudantes. Todos os procedimentos seguiram as orientações da Resolução 466 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012). O Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) foi apresentado oralmente para as crianças. Somente aquelas que consentiram em participar do estudo, e que os pais assinaram o TCLE, responderam aos instrumentos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo investigou diferenças entre meninos e meninas no envolvimento em atividades fora do espaço escolar, bem como o reflexo dessas atividades na percepção do clima familiar e da satisfação de vida. O uso do delineamento exploratório-descritivo, com abordagem quantitativa, permitiu a articulação de instrumentos que avaliam

essas dimensões do universo infantil. As pesquisas de padronização e validação dessas ferramentas também evidenciaram diferenças nas respostas das meninas em comparação com os meninos. A partir deles foi possível agrupar informações acerca de como alguns aspectos que perpassam pelos processos que constituem as relações de gênero (Pedro, 2005), atravessam os microssistemas família e escola. As análises indicaram diferenças significativas ($p < 0,050$) entre os participantes divididos nos grupos de Meninas e Meninos.

Os resultados relacionados ao questionário de atividades extracurriculares, apresentados na Tabela 1, indicaram duas discrepâncias significativas entre os grupos, a primeira em relação às atividades estruturadas, em que as meninas participavam mais de atividades organizadas, com frequência, tempo e regras preestabelecidos, e a segunda referente às atividades acadêmicas e responsáveis, nas quais as meninas demonstraram envolver-se com atividades que exigem responsabilidade, como arrumar a casa e outras atividades que compõem o trabalho doméstico não remunerado (Garcia; Marcondes, 2022) e tarefas escolares. Além disso, apesar da ausência de significância ($p > 0,050$), os meninos se envolviam mais com as ações extracurriculares desestruturadas que se referem a atividades como jogar videogame e brincar com os amigos.

Tabela 1 – Resultados do Questionário sobre envolvimento em atividades extracurriculares

Avaliações	Grupo I				Grupo II				U	p
	Md	M	DP	PM	Md	M	DP	PM		
AD	23,00	23,12	4,12	42,12	24,00	24,25	5,14	49,20	851,500	0,197
AE	19,00	18,76	3,53	50,94	17,00	17,83	2,85	39,56	755,000	0,038
AAR	18,00	17,17	3,00	52,13	16,00	15,90	2,63	38,26	699,000	0,011
Total	53,00	51,95	7,79	47,11	50,00	51,30	8,09	43,74	935,000	0,541

Notas: Grupo I= Meninas. Grupo II= Meninos. Md = Mediana. M = Média. DP = Desvio-Padrão. PM = Postos Médios. AD = Atividades Desestruturadas. AE = Atividades Estruturadas. AAR = Atividades Acadêmicas/Responsáveis.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados coletados.

Estes resultados apontaram que as garotas se viam mais envolvidas em tarefas acadêmicas responsáveis, atividades extracurriculares estruturadas e os garotos realizando atividades mais livres. Isso revela que as meninas realizavam mais atividades acadêmicas responsáveis e se percebiam fazendo mais deveres relacionados à escola e à rotina doméstica. Verifica-se que a participação delas é mais evidente do que a de seus pares nesses tipos de atividades, bem como há uma tendência de a elas serem atribuídas tarefas fixas no cotidiano familiar, enquanto eles participam eventualmente dessas ações e ficam “mais soltos” (Bruschini; Ricoldi, 2009; Carvalho, 2015; Matias, 2019; 2020b; Nascimento; Trindade, 2010). Essas informações indicam como as mulheres são inseridas nessas atividades na infância e podem incorporar a ideia de que afazeres domésticos são responsabilidades delas (Cardoso; Hermeto, 2021; Carvalho; Senkevics, 2017; Garcia; Marcondes, 2022, IBGE, 2019).

Esse dado pode ser produto do conjunto de valores conservadores que perpassa pelo macrossistema brasileiro que adota a regra de que a função do cuidado é atribuição somente das mulheres. Ou seja, isso diz respeito aos conceitos normativos (Scott, 1995) que atravessam a sociedade, remetendo ao resgate, ou à manutenção, da

família tradicional que outorga às mulheres a função de cuidado do lar. Nesse sentido, os papéis de gênero são definidos e interiorizados por meio das interações familiares e sociais bem antes de as crianças chegarem à adolescência, configurando-se como uma (re)construção da divisão sexual do trabalho doméstico não remunerado. Essa definição acontece por meio das interações sociais dentro do microsistema família (Bronfenbrenner, 2002) que promovem processos proximais que atuam como motores do desenvolvimento infantil (Bronfenbrenner; Morris, 2006; Bronfenbrenner; Evans, 2000). Nesse caso, ocorre o desenvolvimento de concepções do que implica ser mulher ou homem, colocando as mulheres no lugar tradicional, “supostamente mais autêntico” (Scott, 1995, p. 85) e assumindo o trabalho doméstico não remunerado mais do que os homens (Picanço; Araújo; Covre-Sussai, 2021).

A sobrecarga de tarefas em casa faz com que as meninas elaborem estratégias para escapar das atividades no lar. Isso é constatado pelo fato de elas terem se destacado na avaliação acerca da participação em atividades estruturadas, o que levantou a possibilidade de elas enfrentarem restrições quanto às oportunidades de lazer. Há indicações de que as meninas se engajam mais em atividades oferecidas por ONGs e projetos sociais, por perceberem que estão livres nesses espaços (Carvalho; Loges; Senkevics, 2016; Nascimento; Trindade, 2010). Nesse sentido, observa-se que elas participam mais de atividades extracurriculares estruturadas como meio de se livrar das tarefas de casa, ou mesmo como possibilidade de recreação (Carvalho, 2015; Matias, 2020b). Embora busquem esquivar-se das obrigações domésticas e ter um pouco de liberdade, as meninas estão sujeitas aos processos de socialização de gênero a partir das relações de poder fora de casa (Gama; Anastácio; Miranda, 2022; Scott, 1995). Algumas ONGs que promovem atendimentos ao público infantojuvenil fundamentam suas atividades em crenças religiosas que reforçam a diferença entre os gêneros.

Para além das atividades extracurriculares, a escola também atua como uma saída quanto às privações em que as garotas se encontram no que se refere à realização de atividades livres. Observa-se que o ambiente escolar é um dos lugares em que elas possuem mais liberdade para se divertirem e interagirem com seus pares (Senkevics; Carvalho, 2015). As instituições escolares também têm inúmeras práticas que definem o que elas podem ou não fazer por serem mulheres (Visentini, 2019). Dessa forma, a socialização a respeito das questões de gênero faz com que elas participem da dinâmica, ou seja, assumem características como a disciplina e o respeito mais “facilmente” do que eles. Logo, isso possibilita que elas saibam desenvolver melhor o papel de estudante (Brandão; Lordelo, 2017; Carvalho, 2015; Visentini, 2019). Esses dados proporcionam condições para que se reflita acerca do papel responsável da mulher: Elas amadurecem mais cedo e são espontaneamente mais responsáveis ou estão, desde a infância, inseridas em ambientes e atividades que demandam certa disciplina? Essa questão apresenta-se como uma hipótese a ser contemplada em estudos futuros e é um dos produtos do estudo exploratório (Gil, 2002) ora abordado.

O envolvimento com as atividades acadêmicas/responsáveis tem implicações na forma como as crianças percebem as suas interações no microsistema família. Os resultados das comparações entre os grupos a partir da escala de percepção do clima

familiar, apresentados na Tabela 2, apontaram aspectos nesse sentido, em que os meninos perceberam o clima familiar mais positivo do que as meninas.

Tabela 2 – Resultados da Percepção do Clima Familiar

Avaliações	Grupo I				Grupo II				U	p
	Md	M	DP	PM	Md	M	DP	PM		
CF-Pos.	38,00	36,65	5,30	38,50	41,00	39,51	4,63	53,15	681,500	0,008
CF-Neg.	12,00	12,76	4,55	47,47	10,00	12,20	4,28	43,35	918,000	0,452
Total	50,00	49,42	6,48	41,55	52,00	51,72	6,82	49,81	825,000	0.133

Notas: Grupo I= Meninas. Grupo II= Meninos. Md = Mediana. M = Média. DP = Desvio-Padrão. PM = Postos Médios. CF-Pos. = Clima Familiar Positivo. CF-Neg. = Clima Familiar Negativo.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados coletados.

Como o lar configura-se como um ambiente que exige responsabilidades, principalmente no momento em que elas estão envolvidas nas atividades domésticas, as meninas enxergam o clima desse ambiente de forma menos positiva do que os meninos (Malonda; Tur-Porcar; Llorca, 2017; Matias, 2020b). Isso se dá devido ao fato de elas possuírem mais obrigações em suas residências e estarem mais suscetíveis a punições dentro do ambiente familiar, caso não as cumpram (Silva; Dell’Aglío, 2018). Além desse fato, infere-se que esse resultado pode ser devido às impossibilidades de lazer e sociabilidade por serem meninas, uma vez que, em comparação com seus irmãos e outros meninos, elas são frequentemente impedidas de sair de casa e por não terem tempo para se dedicar mais às atividades extracurriculares desestruturadas (Nascimento; Trindade, 2010). Isso permite pensar a respeito das normas sexistas em que as meninas se encontram, que dificultam suas vidas e as privam de liberdade, mesmo nas atividades mais comuns, como brincar na rua (Senkevics; Carvalho, 2015). Dessa forma, a articulação de poder das relações de gênero se impõe (Scott, 1995). Não por acaso, há diferenças entre os gêneros no que se refere à percepção do clima familiar.

Esse microsistema (Bronfenbrenner; Morris, 2006) é percebido pelos meninos mais positivamente devido ao pouco envolvimento com as atividades acadêmicas responsáveis e por participarem mais de atividades voltadas para a diversão no tempo livre. O resultado de que eles alcançaram postos mais altos no fator clima positivo permite concluir que eles não são tão conscientes sobre os problemas observáveis na rotina de cuidados com a casa, o que lhes possibilita se envolver mais com atividades livres, como brincar, jogar bola e se divertir com os amigos (Guerreiro; Vieira, 2013; Silva *et al.*, 2012). É compreensível, portanto, que os meninos vejam o clima familiar de modo mais positivo e, em alguns casos, não percebam problemas no relacionamento entre os seus responsáveis. Esse resultado indica que dados observados no mundo adulto acerca do envolvimento dos homens no trabalho doméstico não remunerado (Garcia; Marcondes, 2022) aparecem também no universo infantil. Com isso, o envolvimento nas “coisas de casa”, tanto das mulheres como dos homens, tem um processo de aprendizagem que dura várias gerações (Picanço, Araújo; Covre-Sussai, 2021) justificado pela organização social (Scott, 1995). De certa forma, os dados apresentados nessa oportunidade possibilitam um retrato das trajetórias da divisão sexual do trabalho. Nesse caso, no trabalho relacionado aos afazeres domésticos (Cardoso; Hermeto, 2021).

Essa percepção do clima familiar indica a possibilidade de as interações familiares interferirem na satisfação de vida dos participantes. A inserção de um instrumento de medida dessa dimensão permitiu apurar informações nessa direção.

Os resultados da EMSV-C, descritos na Tabela 3, demonstraram que os grupos se diferenciaram significativamente com relação ao fator *Self Comparado*, revelando também que elas se veem menos satisfeitas e em posição inferior em comparação com outras pessoas. Além desses resultados, elas atingiram postos mais altos no fator Escola, demonstrando maior satisfação com esse ambiente. Esse resultado corrobora os dados da literatura que apontam esse microsistema como uma saída para as meninas se dedicarem a atividades de lazer fora de casa (Carvalho, 2015; Senkevics; Carvalho, 2015) e reforça as informações apuradas por meio da escala de envolvimento em atividades extracurriculares (Matias, 2019) no que se refere ao maior envolvimento com as atividades acadêmicas.

Tabela 3 – Resultados da Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Crianças

Avaliações	Grupo I				Grupo II				U	p
	Md	M	DP	PM	Md	M	DP	PM		
<i>Self</i>	36,00	35,42	7,82	45,32	36,00	34,75	4,08	45,70	1002,00	0,945
<i>Self-Comp.</i>	15,00	14,80	3,72	38,50	17,00	16,68	2,91	52,27	681,500	0,012
<i>Família</i>	44,00	42,86	2,69	44,97	44,00	42,90	2,59	46,08	985,500	0,835
<i>Amizade</i>	34,00	32,57	3,00	47,66	32,00	33,04	8,79	43,14	909,000	0,403
<i>Escola</i>	20,00	18,91	1,85	49,34	18,00	17,68	2,52	38,27	704,500	0,029
EMSVC-T.	146,0	144,5	7,79	48,84	146,0	145,0	14,53	41,85	899,500	0,842

Notas: Grupo I= Meninas. Grupo II= Meninos. Md = Mediana. M = Média. DP = Desvio-Padrão. PM = Postos Médios. *Self-Comp.* = *Self-Comparado*. EMSVC-T. = Escala Multidimensional de Satisfação de Vida para Criança Total.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados coletados.

A ausência das atividades de lazer no cotidiano das meninas, em razão das imposições domésticas, faz com que elas se percebam com menos acesso a atividades de descanso e com menor realização de seus desejos e contatos afetivos (Tiliouine; Rees; Mokaddem, 2019). Isso se confirma por deixarem de brincar mais cedo do que eles, ocasionalmente em razão de estarem mais envolvidas com as tarefas acadêmicas responsáveis (Cordazzo; Vieira; Almeida, 2012). Em decorrência dessas impossibilidades de lazer, há indícios de que as meninas, ao invés de usar seu tempo livre em atividades lúdicas, optam por dormir (Carvalho; Senkevics, 2017; Senkevics; Carvalho, 2015). Não por acaso, elas se enxergam em posição inferior quando se comparam a eles, posto que é evidente o fato de eles conseguirem facilmente atingir seus objetivos e, assim, sentirem-se mais realizados (Gadbois; Bowker, 2007).

Os achados deste estudo indicam, em certa medida, condições para entender algumas complicações da saúde da mulher, uma vez que pesquisas têm evidenciado a participação em atividades domésticas como causa para a redução de exercícios físicos cotidianos entre elas (Sá Silva; Sandre-Pereira; Salles-Costa, 2011). Ou seja, a imposição cultural da responsabilidade delas pelo cuidado de casa na infância traz implicações para toda a vida. Além disso, de acordo com um levantamento realizado pelo Ministério

da Saúde (Brasil, 2015), as mulheres praticam cerca de um terço a menos de atividades físicas do que os homens. Pode-se deduzir que esses comportamentos se iniciam na infância, visto que as meninas são desencorajadas nas aulas de Educação Física, em virtude de suas habilidades serem consideradas inferiores em relação às dos meninos (Mariano; Altmann, 2016; Silva *et al.*, 2012).

Os resultados deste estudo evidenciam, e não é demais enfatizar essa questão, que as desigualdades na realização do trabalho doméstico não remunerado inicia-se na infância. O que remete a mais um dado, junto a tantos outros, que destaca a posição inferior das mulheres não só no microsistema família, como nos outros, pautada na relação de poder que os homens exercem outorgado por valores sociais (Pedro, 2005). Apesar disso, esses achados, de certa forma, apontam mais respostas destacando dois lugares à pergunta: “Se as significações de gênero e de poder se constroem reciprocamente, como as coisas mudam?” (Scott, 1995, p. 92). Essas relações podem mudar por meio dos processos proximais (Bronfenbrenner; Evans, 2000) que acontecem dentro dos microsistemas familiar e escolar.

Em relação ao primeiro, há indícios de que essa transformação está a caminho por meio do aumento do número de homens que realizam o trabalho doméstico não remunerado, apesar de esse crescimento estar associado com mais anos de estudo (Picanço; Araújo; Covre-Sussai, 2021). Quanto ao segundo, mesmo com a indicação de serem realizadas estratégias nesse sentido definidas pelas normas educacionais brasileiras e internacionais (Gama; Anastácio; Miranda, 2022; Reis; Eggert, 2017; Visentini, 2019), há ainda necessidade de mais avanços. Nos últimos anos tem se observado um recrudescimento do discurso contra a equidade de gênero. Isso tem se propagado nas mídias digitais, pelo estabelecimento de leis para dificultar discussões dentro das escolas e até por notificações extrajudiciais destinadas a profissionais da educação ameaçando-os, caso abordem esse tema nas escolas do Brasil e de outros países (Gama; Anastácio; Miranda, 2022; Reis; Eggert, 2017; Storto; Zanardi; 2019). Esse fenômeno revela como a concepção de política conservadora atravessa a discussão de gênero no Brasil, destacando a necessidade de se considerar esse elemento no desenvolvimento das identidades generificadas (Scott, 1995). É provável que isso tenha implicações severas, sobretudo para as mulheres cujo gênero será construído junto com esses movimentos fundamentados em opiniões de organizações de viés tradicional que “pregam” pela submissão delas ao poder dos homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo identificou que as meninas se percebem mais comprometidas em tarefas acadêmicas responsáveis, destacando que as diferenças entre os gêneros na idade adulta no envolvimento com o trabalho doméstico não remunerado têm início na infância. Há indícios de que isso seja fruto de imposições socioculturais (Pedro, 2005; Scott, 1995). Consequentemente, elas enxergam o clima familiar de modo mais negativo, por estarem responsáveis por uma fatia maior do trabalho doméstico. Dessa maneira, elas se percebem mais insatisfeitas que seus pares. Logo, defende-se a importância de se desenvolver estratégias educativas, tanto nas escolas como nas famílias, para os pais e as crianças, de modo a promover uma divisão igualitária das tarefas de casa,

proporcionando mais oportunidades de lazer para as meninas e evitando que estas se tornem adultas sobrecarregadas. Além disso, quando os pais não reforçam tanto o envolvimento dos meninos em atividades acadêmicas responsáveis, eles podem ter o desempenho escolar comprometido, por não desenvolverem na infância habilidades que lhes permitam organizar seus deveres e responsabilidades quanto ao seu papel na realização das tarefas domésticas e acadêmicas.

Há a necessidade de mais pesquisas que escutem essa população sobre a sua participação em atividades extracurriculares, sobretudo daquelas que possam acompanhar essas crianças, de modo a investigar como elas se relacionam a partir dessas vivências, e verificar se há reflexos na sua vida profissional e socioemocional, quando adultas. Além disso, são necessárias pesquisas que abranjam públicos diversificados, como de diferentes faixas etárias, de outras regiões do Brasil e de escolas particulares. Em relação às instituições privadas, é possível que nesses contextos o envolvimento das meninas em atividades extracurriculares estruturadas (aulas de dança, de línguas e atividades esportivas) seja maior. Isso pode acontecer devido às condições socioeconômicas de suas famílias, como também pelo fato de que é nesses locais que elas têm possibilidades de interações sociais, diferentes dos meninos, que são criados de maneira mais livre.

Deve-se levar em consideração algumas limitações do estudo, como o baixo número de participantes, o uso de uma amostra por conveniência, ao invés de uma amostra aleatória, a ausência de informações dos participantes em relação à raça/cor, religião e renda familiar. Outra questão refere-se à fonte dos dados, restrita à percepção das crianças. Apesar do ganho em relação à origem das informações, no que se refere à opinião dos envolvidos, seria interessante o acréscimo de outros dados, por exemplo, a visão dos responsáveis acerca do que as crianças fazem.

Espera-se que os apontamentos deste estudo contribuam para a reflexão de pais e cuidadores e que ele possa colaborar em outras investigações acerca da divisão de tarefas entre os gêneros e nos estudos em relação ao seu desenvolvimento, bem como das implicações da divisão desigual do trabalho doméstico não remunerado. Além disso, é fundamental a elaboração de estratégias, dentro dos microsistemas em que as crianças estão inseridas, sobretudo nas escolas e nas famílias, para romper as barreiras impostas pela sociedade patriarcal, tendo como foco a participação dos meninos em atividades do cotidiano da casa.

REFERÊNCIAS

- ANTENORE, Armando. A revanche da babá – uma atriz em busca da própria cura. *Piauí*, Rio de Janeiro, n. 140, p. 34-39, 2018.
- BARTHOLOMAEUS, Clare; SENKEVICS, Adriano Souza. Accounting for Gender in the Sociology of Childhood: Reflections From Research in Australia and Brazil. *Sage Open*, v. 5, n. 2, p. 1-9, 2015.
- BRANDÃO, Anna Paula; LORDELO, Lia da Rocha. Significados de atividades extracurriculares para crianças bailarinas. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 477-486, 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012*. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 12 dezembro 2012.

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças e Agravos não transmissíveis e Promoção da Saúde. *Vigitel Brasil 2014: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília: Ministério da Saúde; 2015.
- BRONFENBRENNER, Urie. *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. São Paulo: Artmed, 2002.
- BRONFENBRENNER, Urie; EVANS, Gary W. Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, Hoboken, v. 9, n. 1, p. 115-125, 2000.
- BRONFENBRENNER, Urie; MORRIS, Pamela A. The bioecological model of human development. In: LERNER, R. (ed.). *Handbook of Child Psychology: Theoretical models of human development*. 6th ed. Hoboken, NJ: Wiley, 2006. p. 793-828.
- BRUSCHINI, Maria Cristina A.; RICOLDI, Arlene Martinez. Família e trabalho: difícil conciliação para mães trabalhadoras de baixa renda. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 136, p. 93-123, 2009.
- CARDOSO, Guilherme; HERMETO, Ana. Detalhando o perfil de atividade dos jovens brasileiros que não estudam nem trabalham: o papel da busca por trabalho e dos afazeres domésticos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 38, p. 1-20, 2021.
- CARVALHO, Marília Pinto de; LOGES, Tatiana Avila; SENKEVICS, Adriano Souza. Famílias de setores populares e escolarização: acompanhamento escolar e planos de futuro para filhos e filhas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 81-99, 2016.
- CARVALHO, Marília Pinto de; SENKEVICS, Adriano Souza. "Third World" Girls: Gender, Childhood and Colonialism. *Open Journal of Social Sciences*, Novi Sad, v. 5, n. 6, p. 125-138, 2017.
- CARVALHO, Marília Pinto de; SENKEVICS, Adriano Souza; LOGES, Tatiana Avila. O sucesso escolar de meninas de camadas populares: qual o papel da socialização familiar? *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 3, p. 717-734, 2014.
- CARVALHO, Marília. The influence of family socialization on the success of girls from poor urban communities in Brazil at school. *Gender and Education*, Oxfordshire v. 27, p. 583-598, 2015.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: nVersos, 2015.
- CORDAZZO, Sheila Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís; ALMEIDA, Ana Maria Tomás. Brincadeiras de crianças brasileiras e portuguesas no contexto escolar. *Journal of Human Growth and Development*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-13, 2012.
- GADBOIS, Shannon; BOWKER, Anne. Gender Differences in the Relationships Between Extracurricular Activities Participation, Self-description, and Domain-specific and General Self-esteem. *Sex Roles*, New York, n. 56, p. 675-689, 2007.
- GAMA, Rafaela Cordeiro; ANASTÁCIO, Zélia Ferreira Caçador; MIRANDA, Meiri Aparecida Gurgel de Campos. Questões de sexualidade e gênero no 1º ciclo do ensino básico: legitimidade, moralidade e temas. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, v. 37, n. 117, p. 128-139, 2022.
- GARCIA, Bruna Carolina; MARCONDES, Glaucia dos Santos. As desigualdades da reprodução: homens e mulheres no trabalho doméstico não remunerado. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 1-23, 2022.
- GIACOMONI, Claudia Hofheinz; SOUZA, Luciana Karine de; HUTZ, Claudio Simon. Você é feliz? A autopercepção da felicidade em crianças. *Psicologia da Educação*, São Paulo, v. 43, p. 13-22, 2016.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- GUERREIRO, Ana Marlene; VIEIRA, Luís Sérgio. O papel dos estilos parentais, do bem-estar subjetivo dos pais e da educação pré-escolar no bem-estar subjetivo da criança. *Cadernos do Aplicação*, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 19-36, 2013.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=27762%5C&t=downloads>
- MALONDA, Elisabeth; TUR-PORCAR, Ana; LLORCA, Anna. Sexism in adolescence: parenting styles, Division of housework, prosocial behaviour and aggressive behaviour. *Revista de Psicología Social*, Novi Sad, v. 32, n. 2, p. 333-361, 2017.

- MARIANO, Marina; ALTMANN, Helena. Educação Física na Educação Infantil: educando crianças ou meninos e meninas? *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 46, p. 411-438, 2016.
- MATIAS, Neyfsom Carlos Fernandes. Atividades extracurriculares no Brasil: revisão sistemática da literatura. In: BARBOSA, F. C. (org.). *Desafios da psicologia no Brasil*. Piracanjuba, GO: Editora Conhecimento Livre, 2020a. p. 217-233.
- MATIAS, Neyfsom Carlos Fernandes. Elaboração de uma escala de envolvimento em atividades extracurriculares para crianças. *Ciências Psicológicas*, Montevideo, v. 13, n. 2, p. 235-248, 2019.
- MATIAS, Neyfsom Carlos Fernandes. Relações entre nível socioeconômico, atividades extracurriculares e alfabetização. *Psico-USF*, Campinas, v. 23, n. 3, p. 567-578, 2018.
- MATIAS, Neyfsom Carlos Fernandes. Satisfação de vida, clima familiar e participação de crianças em atividades extracurriculares. *Psico*, Porto Alegre, v. 51, n. 4, p. 1-12, 2020b.
- MATIAS, Neyfsom Carlos Fernandes; TEODORO, Maycoln Leôni Martins. Adaptação do inventário do clima familiar para crianças (ICF-C). *Avaliação Psicológica*, Campinas, v. 17, n. 1, p. 20-27, 2018.
- NASCIMENTO, Célia Regina Rangel; TRINDADE, Zeidi Araujo. Criando meninos e meninas: investigação com famílias de um bairro de classe popular. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, p. 187-200, 2010.
- OLIVEIRA, Cyntia Mendes de; FILHO, Euclides José de Mendonça; MARASCA, Aline Riboli; BANDEIRA, Denise Ruschel; GIACOMONI, Claudia Hofheinz. Escala multidimensional de satisfação de vida para crianças: revisão e normas. *Avaliação Psicológica*, Campinas, v. 18, n. 1, p. 31-40, 2019.
- OLIVEIRA, Myllena Camargo de; JAEGER, Angelita Alice. Equidade de gênero na formação docente em educação física. *Revista Contexto & Educação*, Ijuí, v. 37, n. 118, p. e12725, 2022.
- PASQUALI, Luiz. *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e educação*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.
- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.
- PICANÇO, Felícia; ARAÚJO, Clara Maria de; COVRE-SUSSAI, Maira. Papéis de gênero e divisão das tarefas domésticas segundo gênero e cor no Brasil: outros olhares sobre as desigualdades. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Rio de Janeiro, v. 38, p. 1-31, 2021.
- REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 138, p. 9-26, 2017.
- SÁ SILVA, Suzana Patrícia de; SANDRE-PEREIRA, Gilza; SALLES-COSTA, Rosana. Fatores sociodemográficos e atividade física de lazer entre homens e mulheres de Duque de Caxias/RJ. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 11, p. 4.491-4.501, 2011.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2015, p. 71-99.
- SENKEVICS, Adriano Souza; CARVALHO, Marília Pinto de. Casa, rua, escola: gênero e escolarização em setores populares urbanos. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 45, n. 158, p. 944-968, 2015.
- SILVA, Doralúcia Gil da; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Avaliação do bem-estar subjetivo em adolescentes: relações com sexo e faixa etária. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 36, n. 2, p. 133-143, 2018.
- SILVA, Sarah Danielle Baia; PONTES, Eline Freire; MAGALHÃES, Fernando Augusto Ramos; COLINO, Celina Maria; SILVA, Simone Souza da Costa. Brincadeiras de rua em Belém-PA: uma análise de gênero e idade. *Psicologia: Teoria e Prática*, Brasília, v. 14, n. 2, p. 28-42, 2012.
- STORTO, Letícia Jovelina; ZANARDI, Reinaldo César. Análise discursiva de Governo coloca ideologia de gênero no Enem do pastor Silas Malafaia: discurso político, da natureza e do ódio. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 19, n. 3, p. 383-400, 2019.
- TILIOUINE, Habib; REES, Gwyther; MOKADDEM, Sahil. Changes in self-reported well-being: A follow-up study of children aged 12-14 in Algeria. *Child Development*, Hoboken, v. 90, n. 2, p. 359-374, 2019.
- VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 33, p. 265-283, 2009.
- VISENTINI, Ingrid Schmidt. Construindo o gênero na escola: ações visíveis e invisíveis. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, Foz do Iguaçu, v. 5, n. 4, p. 1-15, 2019.

Autor correspondente:

Neyfsom Carlos Fernandes Matias

Universidade Federal de São João del-Rei

Praça Frei Orlando, 170, Centro, São João del-Rei/MG, Brasil. CEP.: 36307-352

neyfsom@ufsj.edu.br

Todo conteúdo da Revista Contexto & Educação
está sob Licença Creative Commons CC – By 4.0.